**TRÊS ESTRATÉGIAS RETÓRICAS DA EXTREMA-DIREITA EM SUA LUTA CONTRA A DEMOCRACIA E A RACIONALIDADE PÚBLICA[[1]](#footnote-1)**

Fábio Palácio[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Este trabalho busca, com o auxílio de ferramentas conceituais da Filosofia, da Retórica e dos Estudos Culturais, investigar três estratégias linguísticas e comunicacionais utilizadas pelo extremismo de direita em sua guerra contra a democracia. Revisitamos, primeiramente, as concepções de hegemonia desenvolvidas por Raymond Williams a partir da definição primordial de Antonio Gramsci (1977). Williams (1977; 1979; 1985; 2011) contribui para o entendimento das formas de subordinação como algo mais próximo do processo normal de organização das sociedades contemporâneas. Não se trata simplesmente de formas impostas, ou daquilo que entendemos como “manipulação”, mas de um sistema de significações experimentado na vida cotidiana, que constitui um “senso de realidade” para as pessoas. Essa concepção destaca elementos linguísticos, valorativos, energéticos e sentimentais, servindo de *framework* teórico-metodológico. Passamos, em seguida, a expor três expedientes discursivos usados pelas forças do autoritarismo contemporâneo para sabotar o debateracional e minar a higidez da esfera pública:

1) **Solapamento das mediações cognitivas e discursivas**: aqui, tenta-se minar a credibilidade das instituições que compõem uma “institucionalidade do verídico” – universidades, especialistas, grande mídia, agências do Estado. Ao assim proceder, as chamadas novas direitas eliminam qualquer exigência de um dissenso sofisticado. Buscam rebaixar não apenas as instituições mediadoras do debate público, mas também suas mediações linguísticas e conceituais, subvertendo a própria linguagem. Importa destacar que uma democracia não é feita apenas de instituições políticas *stricto sensu*. A linguagem também é uma instituição democrática. Sem ela torna-se mais difícil travar o debate racional, e mais fácil mistificar a realidade.

2) **Liberdade de expressão como *liberdade de tudo dizer***: a extrema-direita contemporânea ataca a liberdade de expressão sob a cobertura de uma falsa liberdade de expressão: a *liberdade de tudo dizer* (PINTO, 2021). Certo senso comum tende a pensar que a liberdade de expressão deve ser absoluta e que é errado silenciar qualquer opinião. Essa visão seria verdadeira se toda conversação servisse à troca de pontos de vista numa chave racional, como propõe o modelo de Habermas (2007). Infelizmente, isso nem sempre acontece. Há quem use a conversação com o propósito de bloquear perspectivas razoáveis, plantar o medo, semear o preconceito. Permitir todo tipo de opinião na esfera pública, dando-lhe tempo e espaço para considerações, não necessariamente contribui para o debate e a deliberação, podendo, ao contrário, inviabilizá-los.

3) **Fim do acordo inicial**: Sabemos que o objetivo do diálogo é chegar a algum acordo. Menos óbvio, porém, é que, como lembra Reboul (1998), toda discussão parte de acordos mínimos. A própria língua utilizada já é uma convenção aceita. Ou seja, se todo diálogo aponta para um “acordo final”, ele também parte de um “acordo inicial”. A “novilíngua” da extrema direita visa liquidar esse “acordo inicial” e, com ele, qualquer possibilidade de mediação dialógica e de “acordo final”. O neofascismo não quer o entendimento, mas sim uma “guerra infinita” (para usar os termos de um ex-presidente norte-americano). Por isso se mobiliza para desconstruir consensos civilizatórios como aqueles assentados nas ideias de democracia, justiça, igualdade, direitos humanos. Os tecnopolíticos do autoritarismo contemporâneo perceberam que a balbúrdia de vozes – potencializada pela arquitetura algorítmica das redes – inviabiliza as premissas comuns indispensáveis a qualquer discussão produtiva.

Quando ciência, imprensa e especialistas caem em descrédito; quando o debate arrazoado e a própria linguagem são sabotados; quando a cacofonia de vozes substitui a liberdade de expressão pela *liberdade de tudo dizer*; quando se deixa de ter uma realidade comum e um acordo inicial que sirvam como pano de fundo para a deliberação democrática, os cidadãos acabam se refugiando em identificações e pertencimentos tribais. A disseminação da suspeita e da dúvida “enfraquece os laços de respeito mútuo entre os concidadãos, deixando-os com profundas fontes de desconfiança, não apenas em relação às instituições, mas também em relação uns aos outros” (STANLEY, 2018, p. 78).

Como procuramos mostrar, as três estratégias se acham mutuamente implicadas. Todas possuem um fundamento retórico e linguístico, mostrando que, nas atuais condições de desenvolvimento do capitalismo, as formas de exercício da hegemonia, como sugere Williams, tornaram-se mais sutis e penetrantes.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2005.

GRAMSCI, A. **Quaderni del Carcere**. Volume terzo — Quaderni 12-29. Edizione critica dell’Istituto Gramsci — A cura di Valentino Gerratana. 2ª edizione. Torino: Giulio Einaudi editore, 1977. pp. 1507-2362.

HABERMAS, J*.* **A ética da discussão e a questão da verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PINTO, S. O objeto obsceno do fascismo. **Princípios**, v. 40, n. 161, p. 80 - 113, 30 abr. 2021.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_\_. **Keywords**: a vocabulary of culture and society. Revised edition. New York: Oxford University Press, 1985.

\_\_\_\_\_\_\_. **Marxism and literature**. Oxford: Oxford University Press, 1977.

\_\_\_\_\_\_\_. **Politics and letters**. London: New Left Books, 1979.

1. Trabalho apresentado ao GT6 - Teoria e Epistemologia da Economia Política da Comunicação. [↑](#footnote-ref-1)
2. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: fabio.palacio@ufma.br. [↑](#footnote-ref-2)